

# LER-SE: UMA PRÁTICA DE ESCRITA COMO EXERCÍCIO DE ALTERIDADE

*Sílvia Galessio Cardoso*

### A LEITURA DO QUE SE ESCREVE

Estava aqui, comigo, pensando: lemos o que escrevemos desde antes de estarmos alfabetizados, nos primeiros rabiscos que traçamos e em seguida acompanhamos com nossos pequenos dedos, decifrando o mundo engendrado naquilo que se convencionou chamar de garatujas, mas que eram palavras quando lidas por nós. Ler o que se escreve, assim, é um dos procedimentos que fazem parte da atividade de escrever e que, com o tempo e as vivências escolares, parece perder relevância, por ter se tornado mais um método de fiscalização e vigilância da conformidade com as regras e formatações, do que um meio propício para o(a) escritor(a) entrar em sintonia com suas palavras e com os horizontes que elas abrem. Com o objetivo de defender e cultivar esse segundo uso, resolvi registrar impressões e recursos de que disponho como leitora do que eu mesma escrevo, porque estou certa de que vejo coisas quando me leio que não vejo enquanto escrevo, e elas são preciosas para ventilar a escrita dos aprisionamentos a que está submetida por ser uma convenção, assim como dos meus próprios vícios de pensamento e linguagem.

O foco deste capítulo é a leitura de si, ainda que, para isso, seja preciso recorrer à escrita – o que mostra a artificialidade da separação entre escrever e ler o que se escreve e, ao mesmo tempo, evidencia o artifício exercitado nestas páginas: dar a ver o que consideramos valioso e é desprezado; emprestar força para sustentar os modos de existir que queremos legitimar (Lapoujade, 2017). Por falar em tornar mais visível, lembrei da marcha à ré fúnebre da qual participei mês passado. Dois veículos funerários foram seguidos por mais de cem carros – um deles o meu –, que percorreram parte da Avenida Paulista de ré, emitindo um som em comum, o barulho dos respiradores usados nas UTIs em casos de Covid. Era uma intervenção artística, fruto da parceria do Teatro da Vertigem com o artista Nuno Ramos, que estava sendo filmada e seria transformada em curta-metragem para participar da 11ª Bienal de Berlim em setembro de 2020.<sup>18</sup> O grupo teatral tornou-se referência no Brasil e no mundo, tanto pelo seu modo de criação, baseado em um processo de pesquisa colaborativa, quanto por explorar as possibilidades cênicas de espaços não convencionais, como uma igreja, um hospital psiquiátrico, o rio Tietê, um presídio... O mergulho que as peças promovem nesses ambientes provoca os sentidos do(da) espectador(a) e o(a) convoca a pensar por meio da experiência mobilizada. Nuno Ramos, um dos principais artistas atuais do país, também tem interesse em propor questionamentos e debates sobre assuntos relacionados à vida contemporânea com suas obras, que exploram diferentes linguagens, das artes plásticas à música, passando pela escrita, pelo cinema e pelo teatro. Juntos, o Teatro da Vertigem e Nuno Ramos conceberam uma disputa do e no espaço público, com uma lógica inversa à do governo Bolsonaro, ao reverter o descaso perante os 120 mil mortos até aquela data (era agosto de 2020) em um gesto público de luto, de homenagem a essas vidas, que teve como efeito a comoção da sociedade e uma disposição solidária. Fazer parte desse acontecimento permitiu tornar pública a nossa indignação frente à condução criminoso da pandemia, bem como provar (com duplo sentido, de atestar e de experimentar) a potência da criação em tempos descrentes e tristes. Percorrendo a Paulista de ré era possível chorar os mortos, esbravejar contra os desgovernantes, ver uma cidade em isolamento, mas também encontrar olhos comovidos de famílias, amigos, mulheres, homens, jovens e velhos, todo tipo de gente, dentro e em torno daqueles carros, em um entusiasmo compartilhado, numa construção conjunta. Essa invertida de direção capaz de fortalecer uma ideia a ponto de concretizá-la, de colocá-la em prática pela mobilização de afeto, é um movimento semelhante ao que me proponho nas linhas a seguir, com o enquadramento aproximado na leitura do que escrevo, apesar

---

<sup>18</sup> Veja mais em <https://www.teatrodavertigem.com.br/c%C3%B3pia-o-filho>.

de a escrita estar em cena, mas desfocada, somente para dar vigor e encorajar a função leitora em mim e em todos aqueles e todas aquelas que lerem este capítulo.

## ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOS PRÓPRIOS ESCRITOS

Nestes anos estudando na pós-graduação e dando aulas de redação a jovens que se preparam para ingressar no Ensino Superior,<sup>19</sup> exercitei muito a leitura (Cardoso, 2019). Com essas experiências, fui criando procedimentos para ler que, por certo, serão úteis nesta tarefa. Mas não é a mesma coisa ser leitor dos outros e ser leitor de si mesmo.

É mais fácil ler os outros. A diferenciação entre quem lê e o que se lê já está dada de antemão, então “lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente” (Geraldi, 1997, p. 171), e, quem sabe, mais ao fim da leitura, não seja possível diferenciar tão bem o leitor do que foi lido, embora parta-se da diferença.

Como, então, criar uma contraposição consigo mesmo(a) que leve à construção de novas formas? Como ser capaz de despertar em si um modo interessado de ler seus próprios textos? Quando lemos outros autores, aprendemos com eles recursos linguísticos, vocabulário, estilo – mas como aprender a escrever lendo a si mesmo?

### Pista 1: distanciar-se

Para tentar forjar um distanciamento, uma estratégia que adoto é me afastar do texto por alguns dias. Depois de um tempo de descanso entre o texto e o(a) escritor(a), fica mais fácil estranhar aquilo que se escreve. Pelas estranhezas, evita-se cair em julgamentos como “isso é bom, isso é ruim”, que fecham a discussão, e é possível ir atrás das ideias imprevistas, encontrar outros arranjos, mudar uma frase, trocar uma palavra. É um exercício de infidelidade a si, por ter a intenção de inventar um si que não está dado e que está em constante mudança e composição, por traçar rotas incalculadas cujo único compromisso é com a vida, com aquilo que a fortalece, como propõe Larrosa (2009, p. 21): “O importante é assimilar o que o texto tem de força, o que tem de alado e dançarino, e pôr-se em seguida a

---

<sup>19</sup> Aulas particulares e individuais que têm a finalidade de preparar esses jovens para a prova de redação, obrigatória nos exames de admissão em universidades brasileiras. Eram encontros-aula semanais, que duravam em torno de uma hora e meia, normalmente por um período de um ano, por vezes um semestre apenas, outras vezes alguns anos. Esses encontros podiam ocorrer na casa do aluno ou no meu escritório de trabalho. O público atendido frequentava escolas ou cursinhos preparatórios particulares das zonas Sul e Oeste de São Paulo e fazia parte das classes média e alta.

caminhar”. Nesse texto, “Ler em direção ao desconhecido (a aventura de ler em Nietzsche)”, Larrosa, com base na obra de Nietzsche e no que ela pede de seus leitores e suas leitoras, defende a leitura como uma atividade de abertura ao que não se conhece, uma disposição do(a) leitor(a) para experimentar as palavras lidas e terminar a leitura já outra pessoa que não aquela que a começou. Por isso a instigação do autor para que o(a) leitor(a) siga os movimentos de indeterminação do que lê, perseguindo os voos e as coreografias da escrita com um ânimo aventureiro, disposto(a) a seguir pistas sem saber aonde elas irão levar.

Pista dois: escutar-se

Depois dessa leitura provocadora e de alguns dias sem trabalhar neste texto, tive ânimo para voltar a ele. Li o que escrevi sem pressa, me demorando em cada palavra, acompanhando o passo de uma para a outra, como quando a gente é criança e pisa no pé de um adulto para ser levada a dançar. Consegui ouvir minha voz, mesmo lendo em silêncio, mas li alto também, para sentir as entonações, o ritmo, a harmonia. Assim também costumo fazer no trabalho de produção de texto que desenvolvo com estudantes que estão se preparando para os processos seletivos de Ensino Superior. Foi pedindo para os jovens e as jovens lerem alto para mim o que tinham escrito que entendi que me tornar leitora deles era escutá-los e, na medida em que eu os escutava, eles se dispunham a se escutar, a serem leitores de si mesmos, a trocar ideias comigo sobre o texto e voltar a reescrevê-lo. Tudo isso contribuía para que eles se comprometessem com o que escreviam. Alguns desses meninos e meninas começavam as aulas contando que se sentiam frustrados ao escreverem, porque seus textos não refletiam o que queriam dizer – “e o que vocês querem dizer?”, eu perguntava. No esforço de elaborarem e explicitarem seu raciocínio, iam encontrando palavras e maneiras de compor com elas. Com as leituras semanais, aos poucos iam se reconhecendo nos seus escritos, iam percebendo que diziam e, mais que isso, que aqueles dizeres eram eles. Ler a si tornou-se uma ocasião para esses jovens questionarem os limites que definiam o que pensavam e como agiam, para refazerem suas delimitações a partir da constituição de outras formas de pensar e agir, para alargarem o que eram, na medida em que, por não terem como se expressar com o repertório já conhecido, precisavam, então, inventar novas formas de expressão, e essas invenções ampliavam e diversificavam suas maneiras de viver. Assim, ler os próprios escritos passou a ser, para esses estudantes, um modo de encorajamento aos riscos a que o escrever os expunha.

Aquino (2009, p. 650) descreveu aquele(a) que assume uma escrita arriscada como “alguém dobrado sobre si mesmo, guerreando contra aquilo que já não pensa, ou que pensa não pensar, mesmo sem ter o domínio exato daquilo que passou

a pensar”. A descrição me faz lembrar de uma garota que, ao escrever sobre o envelhecimento da população e querer se contrapor à ideia presente na coletânea da proposta de que os idosos deveriam se apressar a morrer devido à sobrecarga dos custos financeiros, formulou a seguinte sentença: “Se alguém deseja prolongar sua própria vida, deve ter o direito de fazer isso”. Quando ela leu alto, estranhou ter relacionado a velhice a um prolongamento, como se fosse uma extensão imprevista, pressupondo uma demora, um atraso do fim da vida, ao contrário do que queria dizer: envelhecer não era prolongar a existência, era ter o direito de viver com dignidade, ela comentou, e voltou ao texto para fazer a alteração. Outra memória que me vem à mente é a de um rapaz que escreveu sobre o mesmo tema e, assim que terminou de proferir seu texto, identificou a falta de um ponto fundamental na sua argumentação: sua discordância em relação à ideia de improdutividade que os velhos representam para o sistema econômico e à tendência à desvalorização dessa fase da vida. Em seguida, procurou uma forma de incluí-la na redação. Ambas as situações demonstram um deslocamento provocado no momento da leitura, que atuou no modo de pensar dos dois alunos. Vale lembrar: uma leitura em que escutar o texto escrito era incitado pela minha presença.

Essa dimensão da experiência de ler que é escuta não se restringe a captar o que se ouve, mas abrange “encontrar ouvidos capazes de escutar o inaudito” (Larrosa, 2009, p. 18), para escapar das apropriações das forças dominantes do texto, para não se tornar prisioneiro(a) de uma única perspectiva, para não ficar escravo(a) de caminhos predefinidos e seguros, para ler nas entrelinhas aquilo da experiência que as palavras não alcançam, mas reverberam.

Quando ativo essa operação de escuta dos meus próprios escritos, tenho a oportunidade de me escutar em sintonia com o que desconheço de mim, com os momentos em que sou surpreendida por mim mesma. Meus ouvidos se abrem feito orelhas de cachorros que se levantam ao escutarem um barulho, à espreita do que está sendo dito: quais forças, lógicas e formas de viver coloco em jogo, qual arranjo de mim e de mundo vou formando com estas linhas – uma atenção que dedico com o intuito de evitar ser uma leitora prescritiva e, assim, conseguir funcionar menos como fiscal da coerência entre o que escrevo e uma suposta identidade minha e mais como entusiasta de existências por virem, ao estranhar o que é desdobrado em letras.

### Pista 3: tornar-se autor(a)

Na versão anterior deste texto, a timidez da minha voz tinha me incomodado: era tão pouco o que eu conseguia mostrar sobre o que eu penso por entre aquelas muitas citações do Larrosa! Ler autores que dialogam com o assunto sobre o qual

se escreve costuma ser inspirador. Sem a pretensão de imitá-los, fica mais fácil não se intimidar e aproveitá-los como interlocutores, para dialogar com suas ideias, fazer delas pontos de passagem para outros percursos, desvios, desvãos. Mas, por outro lado, é difícil estabelecer um distanciamento daquilo que lemos quando nos identificamos com cada palavra escolhida pelo escritor. Nesta versão, percebo que avancei: não estou mais me escondendo atrás das aspas, posicionei-me em relação aos conceitos citados e destaquei o que deles interessa para a discussão em pauta. Mas posso, numa próxima reescrita, exercitar com maior grau de liberdade a conversa com as referências e consolidar, assim, a condição de criadora desta composição textual. É verdade que dá receio assumir uma opinião diante das conformações de imparcialidade e isenção que preponderam na produção acadêmica. Mas nosso grupo de pesquisa vem apostando em considerar-se parte do agenciamento que produz um ponto de vista nos trabalhos escritos como tática para tensionar as convenções escriturais da universidade e restituir ao ato de escrever sua dimensão de indeterminismo e sua capacidade de intervir no campo estudado, então me sinto amparada para fazer essa aposta. Ainda assim, colocar isso em uso é desafiador, porque é como aprender a se expressar em um idioma estranho ao seu e, para isso, ter que esquecer o próprio idioma e a maneira de pensar que ele engendra, para exercitar essa outra forma de concatenar as ideias e as palavras a ponto de tornar essa língua própria.

Talvez em busca justamente dessa escrita autoral eu tenha optado por usar a primeira pessoa do singular neste estudo. Essa personalidade funcionou, a princípio, como meio de contemplar a minha experiência de pesquisadora como parte da pesquisa, assim como maneira de não soar prescritiva, mas valeria voltar em alguns desses “eu” para analisar se a maneira como mostro a constituição da singularidade traz a dimensão pública da discussão. Digo isso porque não é o “eu” em si que importa, mas como ele se conecta com o conhecimento universal, como essa singularidade é composta por saberes coletivos e também os compõe. Em teoria, já incorporei esse pressuposto, mas, na prática, tenho dúvida se consegui distinguir os trechos nos quais adotar a primeira pessoa do singular faz sentido – por ter relevância o estatuto de sujeito – dos momentos em que é desnecessário ou mesmo atrapalha fazer advir a força de uma ideia.

Pista 4: questionar

Outro recurso que tenho como aliado neste empenho para me diferir enquanto escrevo é construir indagações. As perguntas convidam a olhar por outro prisma e, num movimento sutil, me torno outra de mim, o que me lembra, de novo, de Larrosa (2009, p. 28), quando ele afirma que “Ler bem é olhar ativamente, olhar com olhos múltiplos e interessados, saber utilizar ‘a diversidade das perspectivas

e das interpretações nascidas dos afetos”’. Formular perguntas ajuda a demarcar para quais direções expandir os escritos, a encontrar sugestões de mudanças, outros rumos, novos arranjos para eles. É o que pretendo fazer com algumas generalizações deste texto, que passaram despercebidas pela minha escrita, mas não pela minha leitura mais recente, como em um comentário que, na versão anterior a esta, eu tecia sobre Paulo, um dos alunos com quem trabalhei a leitura da própria escrita. A mudança de escolha dele da formação administrativa para a de chef de cozinha estava sendo caracterizada como positiva de forma muito simplificada, dando a impressão de que fazer administração é ruim e fazer gastronomia é bom, sem contextualizar essa constatação. Entretanto, toda obviedade merece ser questionada, a fim de refutar a simplificação e averiguar a complexidade do que produz o suposto irrefutável. Por isso, frente às totalizações, a dúvida é uma conquista, como bem fala nossa professora Adriana Marcondes: de “as coisas são assim” passamos para “quando as coisas são assim?” – mesmo sentido dos comentários que troco com os estudantes ao me deparar com expressões como “é importante”, “é essencial” em suas redações, porque essas assertivas não bastam se não se discutir para quem, com qual objetivo, por quê, quando... Se identifico essa necessidade de especificação e detalhamento no texto dos outros de forma imediata, demoro para reconhecer no meu, justamente por precisar motivar um estranhamento a respeito do que eu mesma escrevi. Quem sabe, então, explicitando em que condições fazer administração enfraquece a vitalidade de Paulo enquanto fazer gastronomia a fortalece, consigo desmontar a afirmação naturalizada e acessar o que ela tem de singular. Algo assim: Paulo era um jovem que parecia velho. Não pela aparência – ele parecia ter 16 anos, como tinha, mas pelo vigor: faltava-lhe energia para estar no mundo, para se dispor a experimentar a vida. Era perceptível uma dureza e tensão nos seus movimentos, na sua pouca fala e na sua escrita. Com frequência, Paulo aparecia gripado e com edemas decorrentes de alergia nos braços e no rosto. No início do trabalho, os encontros com ele eram travados, com intervalos de silêncio, não fluíam, demoravam a passar. Ele não fazia as redações que eu pedia ou as fazia no celular, de última hora. Pouca coisa do que eu falava interessava a Paulo. Na realidade, eu não conseguia saber o que era interessante para ele e tinha a impressão de que ele também não sabia, apesar de Paulo afirmar estar decidido a fazer administração de empresas para continuar o legado dos pais, investidores do ramo de restaurantes. Prestou vestibular e foi um dos poucos da sua turma de amigos que não passaram. Ficou abalado. Depois das férias, voltou a me procurar para se preparar para a prova do semestre seguinte. Durante aqueles meses, ele foi se mostrando mais falante, mais animado, passou a escrever mais e com maior dedicação, e foi me contando, aos poucos, de seu

interesse por cozinhar. Com o tempo e a aproximação da prova, Paulo desistiu de fazer administração e decidiu cursar gastronomia. Essa decisão deu leveza a ele, que passou a sorrir mais, a estar mais disposto e relaxado. Era possível entender a mudança de Paulo na escolha da carreira como uma guinada em direção à sua vitalidade.

#### Pista 5: cuidar dos reducionismos e das generalizações

Ainda sobre Paulo, tinha um trecho na versão anterior em que eu havia escrito assim: “Sua visão de mundo tendia ao liberalismo – acreditava na mão invisível do deus-mercado e era simpático ao Movimento Brasil Livre, uma organização jovem com posições políticas à direita”. Devido ao termo “liberalismo” permitir inúmeras compreensões, seria necessário definir com mais detalhamento o sentido pretendido, ou melhor, no lugar de um termo tão vago, detalhar as maneiras de ele pensar e se posicionar. A expressão imprecisa desconsidera o arranjo de forças que a produz e mostra a minha dificuldade em me considerar parte dessa complexidade – aquilo que escrevemos não é imparcial, pelo contrário, é a admissão de um ponto de vista e, ao assumi-lo, não ficamos submetidos aos acontecimentos, temos a chance de agir no que nos passa (Machado, no prelo). Além disso, descrever dá mais índices sobre o que exatamente se quer dizer e dificulta que o leitor preencha o vazio de sentido com juízos de valor, os quais estamos combatendo. E, na continuação: “Mas eu provocava as certezas de Paulo toda vez que via uma chance e fazia algum questionamento que se voltava para as injustiças sociais, na tentativa de aproximá-lo da dimensão humana dos temas de que tratávamos”, não fica claro por que questionar essas certezas e quais os efeitos delas na escrita dele. Falta esclarecer como a rigidez da convicção impede o surgimento da dúvida e, portanto, de um outro enfoque capaz de movimentar suas delimitações, além de explicitar que a rigidez de pensamento também está presente em mim.

## **METODOLOGIA-DA-MARCHA-RÉ**

Acredito que esses comentários sejam suficientes para eu voltar a escrever e finalizar este texto. É árduo ser leitora de mim mesma, me coloca em contato direto com o plano da experiência de escrever, em que perseguimos o imperceptível ao mesmo tempo que o construímos. Se ler, de forma geral, é uma aventura por territórios inexplorados, ler os próprios escritos é se aventurar pelo inexplorado de si, é encarar o que se lê com curiosidade, estranhando suas próprias palavras e escolhas, se questionando, com coragem para se criticar; é poder olhar por outros ângulos, propor rumos alternativos e ver-se em movimento.

Distanciar-se temporalmente do texto, para não se reconhecer nele de imediato; lê-lo alto, a fim de escutar o inusitado em meio a expressões corriqueiras; assumir a autoria dos escritos, considerando-se parte do diagrama de forças que produz a perspectiva eleita; constituir questionamentos diante de constatações com o propósito de duvidar delas e investigar suas múltiplas determinações; e, por fim, atentar-se a reducionismos e generalizações que simplificam questões complexas e desconsideram as peculiaridades das situações analisadas – essas foram as cinco pistas destacadas na tecitura deste capítulo, traçadas no próprio processo de escrevê-lo e reescrevê-lo várias vezes, ao se propor investigar a leitura do que se escreve como meio para aprimorar a própria escrita.

Interessou sistematizar o método não com o propósito de ditar um passo a passo universal que, supostamente, garantiria um bom texto; pelo contrário. A pretensão é compartilhar a maneira singular, desenvolvida aqui, de delinear e seguir esses indícios e, com isso, instigar a vontade de ser leitor(a) de si mesmo(a) e de inventar modos de se ler que ativem uma relação de diferença consigo mesmo(a). Esse exercício de estranhamento na leitura do que se escreve é uma metodologia-da-marcha-ré, digamos assim: um procedimento de pesquisa que promove um deslocamento de atenção em direção à alteridade no “eu”, à construção do “eu” no encontro com os outros e, por isso, atua como um expensor dos nossos contornos existenciais e escriturais.

## REFERÊNCIAS

- Aquino, J. (2009). *Docência, poder e liberdade: dos processos de governamentalização à potência de existir nas escolas*. 2009. 210 f. Tese (Livre Docência em Governabilidade, Ética e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-19032013-093316/pt-br.php>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- Geraldi, J. W. (1997). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lapoujade, D. (2017). *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições.
- Larrosa, J. (2009). *Nietzsche & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Machado, A. M. (no prelo). *Quando a escrita toca a produção institucional em um trabalho de extensão universitária*. 111 f. Tese (livre docência – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

